

"RECORDAÇÕES DAS LUTAS PELA TECNOLOGIA NA PETROBRÁS"

(versão simplificada para circulação pela Internet)

DORODAME MOURA LEITÃO

EPISÓDIO 2 - O CURSO DE REFINAÇÃO CHEGA AO NORDESTE

Esse episódio serve para exemplificar um desafio típico dos primeiros anos da PETROBRÁS. Os problemas requeriam solução urgente e tinham que ser enfrentados e resolvidos mesmo que não se dispusesse das melhores condições. Tínhamos que enfrentar os desafios mesmo que não nos sentíssemos totalmente preparados para a missão, e mesmo que não dispuséssemos dos recursos mínimos exigidos. Tudo tinha que ser solucionado com muita criatividade, disposição para o trabalho, coragem e crença no que fazíamos. Estávamos construindo uma empresa para ajudar o desenvolvimento do país!

A IDENTIFICAÇÃO DA NECESSIDADE DO CURSO

Desde a sua criação pelo C.N.P. em 1952 e depois quando passou para a responsabilidade do CENAP, em 1955, o Curso de Refinação era ministrado no Rio de Janeiro. Normalmente, o pessoal que freqüentava o curso era oriundo das universidades situadas no sudeste e sul do país, com algumas raras exceções. Assim, os Engenheiros de Processamento que iam trabalhar em Mataripe, normalmente desejavam voltar para as unidades da PETROBRÁS no sul e sudeste logo que adquiriam experiência operacional. Tal fato acabava acarretando alta rotatividade do pessoal especializado e resultava em problemas administrativos para os Superintendentes da Refinaria Landulpho Alves - Mataripe (RLAM).

Em 1962, em meio a uma crise que atingiu a empresa naquela ocasião, o Arquiteto Jairo José de Farias assumiu a Superintendência da RLAM, em substituição ao Engenheiro Roque Consani Perrone. Entre os problemas que teve que enfrentar para gerenciar a refinaria, o novo Superintendente viu que teria que arranjar uma solução para a alta rotatividade dos Engenheiros de Processamento. Logo ao assumir, foi procurado por cinco engenheiros que estavam desejando sair de Mataripe. Inclusive eu!

Teve ele, então, a idéia de realizar em Mataripe, um curso só para engenheiros recrutados no nordeste do país de forma a que se radicassem em Mataripe e se evitasse, desta forma, a evasão de profissionais que havia naquela época. O mesmo foi pensado para a área de Manutenção.

Para tanto, ele entrou em contato com o CENAP, nessa ocasião dirigido pelo Engenheiro Hugo Regis dos Reis e conseguiu a sua aprovação para levar a efeito os dois cursos em Mataripe somente voltados para engenheiros formados e residentes nos estados do nordeste brasileiro. Para o Curso de Manutenção foi indicado o Professor Cândido Toledo, antigo mestre do curso. O CENAP, contudo, não conseguiu motivar e interessar nenhum de seus professores para aceitarem o encargo de organizar e coordenar o Curso de Refinação em Mataripe.

Na mesma ocasião, final de 1962, eu estava tentando acertar a minha volta para o Rio. Achava que meu objetivo de trabalhar em Mataripe já havia sido alcançado. Os três anos que passei na operação tumultuada das unidades de lubrificantes, sendo dois anos de turno, equivaliam a mais de dez anos em refinarias operando normalmente. Isso é verdade porque só se aprende realmente, quando surgem os problemas. Se a operação está normal e nada acontece, a tendência é se entrar em rotina operacional e o processo de aprendizado é lento e incompleto.

Meu objetivo era ir trabalhar no CENAP, aceitando convite que o Prof. Williams me fez, quando terminei o curso. Na ocasião, preferi ir para Mataripe devido à oportunidade ímpar que a

refinaria oferecia para se adquirir experiência prática na operação de refinarias. Mas, no fundo, o que eu queria mesmo era ser pesquisador. Esse meu desejo se reforçou depois da experiência que tive na operação da Unidade 13, quando tivemos que fazer pesquisa tecnológica para conseguir operar a unidade! Essa experiência, eu conto em outro episódio deste livro.

Como o Jairo sabia que eu pretendia ir para o CENAP, e não conseguia que um professor do Rio viesse coordenar o curso em Mataripe, me convidou para assumir a enorme responsabilidade de criar o Curso de Refinação do Nordeste a ser realizado em Mataripe e coordenar a sua primeira turma. Como compensação, concordaria com a minha transferência para o CENAP, ao fim do curso.

Apesar de ter apenas quatro anos de PETROBRÁS, incluindo o ano que passei fazendo o Curso de Refinação, nunca ter pretendido ser professor, nem ter nenhuma experiência prévia com esse tipo de assunto, aceitei o desafio que me foi proposto e acabei enfrentando, o que considero, uma das tarefas mais difíceis que tive na minha carreira na PETROBRÁS. O meu nome foi proposto ao CENAP e aceito pelo Hugo Regis dos Reis. Fui nomeado Coordenador do curso em portaria assinada pelos dois Superintendentes.

ORGANIZAÇÃO DO CURSO

A PETROBRÁS já havia realizado um processo seletivo, em 1962, em todas as capitais dos principais estados do norte e nordeste e havia recrutado 25 engenheiros. Esses engenheiros já estavam esperando ser chamados quando eu assumi a responsabilidade de organizar o curso. Estava previsto que no começo de fevereiro de 1963, poucos dias depois de eu haver aceitado o desafio de organizar o curso, deveriam ser iniciadas as suas atividades.

De repente, me dei conta do tamanho do problema! Tinha 25 engenheiros recrutados e mais nada. Não tinha local para as aulas, não tinha professores, não tinha os livros especializados, utilizados no curso. Em resumo, não tinha nada, a não ser os alunos. Expliquei ao Jairo as dificuldades e ele me deu carta branca. Queria o curso. Que eu dissesse o que precisava que ele me daria.

A primeira coisa que consegui foi o local para as aulas. Era um prédio situado fora da área da refinaria. Fizemos adaptações no prédio que ficou com uma sala de aula e dois escritórios no fundo. Uma para mim e outra para o Secretário do Curso, Aníbal Vital Carnaúba Filho, funcionário antigo e que conhecia todo o mundo na refinaria. Na realidade, o Carnaúba foi um dos pioneiros nos primeiros tempos da refinaria, em 1950. Além de uma grande figura humana, ele era muito eficiente e foi uma grande ajuda que eu tive para levar a frente o desafio.

Outra grande ajuda que consegui foi do Engenheiro Michel Dib Tachy, egresso do Curso de Refinação de 1961 e que havia chegado a Mataripe há pouco tempo. O Michel era dotado de grande vitalidade, capacidade de trabalho e vontade de fazer. Consegui a sua colaboração, em tempo parcial, como Coordenador Assistente, e ele foi fundamental para me ajudar a organizar o curso, em especial nos primeiros tempos, quando estava tudo por fazer.

O Curso contou, ainda, com a importante ajuda do Chefe do Centro de Treinamento da refinaria, na época, o Administrador Temístocles Campos de Aragão. Ele se responsabilizou pelo apoio administrativo ao curso.

Para fazer o curso funcionar, consegui, em regime de emergência, entre outras coisas, um ônibus para fazer o transporte dos alunos entre Salvador e Mataripe; a cessão de uma casa na Vila Residencial, que foi transformada em "república" dos alunos solteiros que preferiram morar em Mataripe, durante o curso; os livros básicos para o curso por empréstimo dos engenheiros de Mataripe.

Além disso, viajei ao Rio de Janeiro, para conversar com o Prof. Williams e receber suas sugestões sobre a forma de conduzir o curso. Sempre acatei suas orientações e ouvi seu conselho de mestre experiente. Aproveitei também para sondar professores do CENAP para virem participar do curso em Mataripe. Consegui que o CENAP e a RLAM garantissem recursos para pagar adicionais extras de ensino para os professores que aceitassem vir passar algum tempo na Bahia.

Preparei um Plano Global de Desenvolvimento do curso, explicando que o curso seguiria as normas e o formato do Curso de Refinação conduzido no Rio, com as devidas adaptações. O Plano detalhava, também, todas as disciplinas a serem abordadas em cada período, justificando as pequenas modificações que introduzi em relação ao curso do Rio.

O CURSO DE REFINAÇÃO DO NORDESTE - 1963

a) - Período Introdutório

Para poder realizar o Período Introdutório, em fevereiro e março de 1963, entrei em contato com a Universidade da Bahia, através do seu Instituto de Pesquisas Tecnológicas, tendo conseguido a colaboração dos Professores Carlos Espinheira de Sá e José Góes de Araújo, além da cessão de salas de aula para esse fim. Michel e eu ficamos como co-responsáveis das disciplinas ministradas por esses professores, para evitar que o curso dado pelo pessoal de fora da PETROBRÁS se afastasse muito dos nossos objetivos. O período se desenvolveu com aulas em Mataripe e na Universidade da Bahia.

Começaram o curso, 29 alunos, dos quais 25 engenheiros aprovados nos testes de seleção e 4 já pertencentes à refinaria, e por ela indicados para fazer o curso. Terminaram o período, com aproveitamento, apenas 19 dos 25 estagiários. Dos técnicos indicados pela refinaria, só dois concluíram com aproveitamento. Tive que manter o nível de exigência seguido no Curso do Rio, para não desvalorizar os alunos deste curso do Nordeste em sua carreira na empresa.

b) - Primeiro Período

Com vistas ao desenvolvimento do curso nos dois períodos seguintes, quando entravam as matérias relativas ao processamento do petróleo e o curso ficava mais exigente, consegui atrair o interesse de três técnicos que haviam terminado o Curso de Refinação no Rio, em 1962, para atuarem, como professores assistentes e de quatro professores do CENAP, dois por período.

Os professores assistentes que vieram foram os Engenheiros Pedro Paulo da Poian, que só ficou no Primeiro Período, Ricardo Henrique Kozak e João Carlos Gobbo, que ficaram os dois períodos. Do CENAP vieram, para o Primeiro Período, os Professores Flávio Teixeira Luz e Hélio da Rocha Tentilhão.

O Primeiro Período foi desenvolvido de abril a junho de 1963. Continuei contando com a colaboração do Prof. José Góes de Araújo, do Instituto de Pesquisas Tecnológicas e contratei o Prof. Ademar Linhares, da Escola de Administração, ambos da Universidade da Bahia.

Tive a colaboração especial de vários engenheiros da RLAM, sem os quais o curso não poderia ter sido realizado. Destaco os Engenheiros Walmer Paixão e Luiz Rogério Galvão de Souza que foram responsáveis por disciplinas do curso. Eu e Michel ficamos como responsável e co-responsável, respectivamente, pela cadeira Fundamentos de Refinação, para podermos acompanhar melhor a turma.

Para tornar possível a realização das aulas práticas de Operações Unitárias, foi montado um pequeno laboratório no Instituto de Pesquisas Tecnológicas, da Universidade da Bahia. Este laboratório permitiu a execução de aulas práticas semelhantes às ministradas no curso do Rio.

Iniciaram este período, 21 alunos, entre os quais os dois indicados pela refinaria. Terminaram, com êxito, 15 dos 19 novos estagiários e um dos indicados pela refinaria. Durante esse período, bastante mais "puxado" que o Introdutório houve reclamações por parte dos alunos e tive que conversar com eles, algumas vezes, para mostrar-lhes que as exigências do curso eram em seu próprio proveito. Mostrei-lhes que minha intenção era que o Curso de Refinação do Nordeste fosse mantido com o mesmo nível de qualidade e exigência características do curso mantido no Rio. Assim, no futuro, ninguém poderia alegar que o curso deles era inferior e darem menor valor aos profissionais especializados aqui. Eles aceitaram a argumentação e as coisas se acalmaram.

c) - Segundo Período

O Segundo Período foi desenvolvido de julho a setembro de 1963. O corpo docente deste período foi constituído pelos professores do CENAP Rogério Tristão de Magalhães, que havia sido meu colega de turma no CENAP e Leonardo Nogueira, depois grande amigo e colega meu, no CENPES. O Prof. Williams veio, também, dar algumas aulas.

Continuaram colaborando o Kozak e o Gobbo. O Prof. José Góes de Araújo da Universidade da Bahia continuou também. Contratei o Prof. Luiz Pondé Barreto da Escola de Administração, da mesma universidade.

Novamente, o pessoal da refinaria ajudou muito. Destaque para os Engenheiros Geraldo Santana, Joel Pereira dos Santos e José de Anchieta Ribeiro da Silva que foram responsáveis por disciplinas do curso. A cadeira Fundamentos de Refinação continuou sob a responsabilidade do Michel e minha.

Terminaram o período e, conseqüentemente, o curso, com aproveitamento, 15 dos alunos recrutados e mais o Maury Cardoso Fernandes, indicado pela RLAM. O curso chegava ao fim. Formamos 15 novos Engenheiros de Processamento para a PETROBRÁS. Foi uma tarefa árdua, uma das mais difíceis que enfrentei em meus anos de PETROBRÁS! Para que se tenha uma idéia da complexidade da administração de um curso como foi esse, lecionaram nos três períodos do curso 28 professores, oriundos de sete organizações diferentes: RLAM, CENAP, Refinaria Duque de Caxias, Superintendência de Industrialização do Xisto, Instituto Yazigi, Instituto de Pesquisas Tecnológicas e Escola de Administração da Universidade da Bahia.

ENCERRAMENTO DO CURSO

Em 5 de outubro de 1963, no Salão Nobre da Escola Politécnica da Universidade da Bahia, foi realizada a cerimônia de encerramento dos Cursos de Refinação e de Manutenção do Nordeste. A turma de Refinação escolheu, mui justamente, como Patrono, o Dr. Jairo José de Farias, a esta altura, Diretor da PETROBRÁS.

Para meu orgulho e satisfação, fui escolhido como o Paraninfo da turma. Para mim, foi a melhor prova de que houve um reconhecimento da turma de que eu havia feito o melhor que pude para dar-lhes um treinamento do qual, daí para a frente, em suas carreiras na PETROBRÁS, eles só teriam que se orgulhar. Apesar de ter "apertado" a turma durante todo o curso e de ter reduzido seu efetivo, com as exigências de qualidade imprimidas ao curso, de 25 para apenas 15 alunos, eles mesmos reconheceram minha seriedade e dedicação.

Guardo até hoje, o discurso que proferi para agradecer a homenagem. Acho interessante reproduzir nestas recordações alguns trechos que servem para mostrar o entusiasmo com que nós, pioneiros da PETROBRÁS, encarávamos o nosso trabalho e a crença com que enfrentávamos os desafios que a empresa nos colocava diuturnamente, certos de que estávamos construindo uma empresa que iria ser uma importante alavanca para o desenvolvimento brasileiro.

([1])

"Estamos comemorando, esta noite, um fato do maior significado para a nossa PETROBRÁS, com reflexos acentuados na luta que o nosso País trava para o desenvolvimento de sua região mais pobre e mais sofrida. O Brasil, nos conturbados dias que vivemos, trava uma luta decisiva pela sua independência econômica. Este será o passo indispensável que necessitamos dar para conseguirmos romper a barreira do subdesenvolvimento e conquistarmos a posição de destaque que nos caberá, em futuro próximo, entre as demais nações. E a PETROBRÁS, meus senhores, com sua afirmação, com seu desenvolvimento extraordinário, é elemento de vanguarda nesta luta."

Poucos dias antes da cerimônia de encerramento do curso, a PETROBRÁS havia feito 10 anos (3/10/63) e eu registrei o fato:

"Há poucos dias, vimos, com grande satisfação, transcorrer o décimo aniversário de nossa empresa estatal de petróleo. São dez anos de lutas que ainda prosseguem e que serviram para testar e confirmar, de modo irresponsável, a capacidade do homem brasileiro em resolver seus próprios problemas. Temos tido, constantemente, provas incontestes desta capacidade, em todos os campos da indústria petrolífera. Nossos técnicos e nossos operários desmentiram, neste período, as afirmações de derrotistas que argumentavam contra a criação da PETROBRÁS, afirmando não termos condições para, sem ajuda estrangeira, fazer funcionar, com sucesso, essa complexa indústria. Em apenas uma década, já dominamos toda a técnica necessária para fazermos a PETROBRÁS alcançar a situação de destaque que possui no mundo."

Em outro trecho, chamei a atenção dos novos técnicos para minha expectativa sobre o papel da PETROBRÁS dentro do contexto desenvolvimentista do País, deixando transparecer todo o sentimento nacionalista que perpassava a nossa geração:

"A nossa geração, senhores, é a geração destinada, historicamente, a ser aquela que irá arrancar o nosso País de seu tão decantado subdesenvolvimento econômico e social. Temos de nos convencer que o Brasil já iniciou essa arrancada e que ela é irreversível. Nada poderá mais deter o nosso povo, que já possui consciência de seus

direitos, na sua marcha para um destino digno da grande nação que somos. E a fronteira que vocês escolheram, meus colegas, para essa luta, é a mais representativa, é a vanguarda, porém, também, é a que mais sacrifícios, mais esforços e mais luta requer de seus homens. A nossa empresa, pelo sucesso que tem alcançado, servindo de exemplo para outras nações que ainda são espoliadas em seu desenvolvimento econômico, é o alvo preferido para o ataque constante e incansável dos grandes trustes estrangeiros que, por todos os meios, procuram abrir uma brecha e enfraquecer-nos para poder vir sugar nossas riquezas minerais. Por isso, colegas, precisamos sempre e cada vez mais, nos prepararmos, nos organizarmos, nos fortalecermos, construir nossa própria tecnologia, para podermos dar nossa parcela nessa luta histórica pela nossa independência econômica."

Grifei o destaque que dei à questão tecnológica para mostrar que desde aquela época, a questão tecnológica merecia um destaque nas preocupações dos técnicos da PETROBRÁS.

EPÍLOGO

Em 1 de outubro de 1979, já com vinte anos de PETROBRÁS, com muito orgulho, fui promovido a Engenheiro de Processamento IV, o nível mais alto da minha especialidade profissional. Qual não foi minha satisfação ao ver que tinha como companheiro nesta promoção, um dos meus alunos do CRN 1963, o Engenheiro Aluizio Viana Oriá, um cearense de muito valor, um dos melhores alunos da turma e que conseguiu grande destaque em sua carreira na PETROBRÁS! Senti-me orgulhoso de lhe ter orientado em sua entrada na PETROBRÁS e recompensado de todas as agruras, preocupações e dores de cabeça que o CRN me proporcionou!

Além do Oriá, devo lembrar em especial do Engenheiro Luiz Carlos Pedreira do Couto Ferraz, baiano, primeiro colocado no curso e que me substituiu com brilhantismo na Coordenação do Curso, quando voltei ao Rio no final de 1963. Além deles, na realidade todos os outros alunos do CRN - 63 só me deram motivos de satisfação. Quase todos eles atuaram em várias unidades da PETROBRÁS e da indústria petroquímica baiana com posições de destaque.

É interessante citar, ainda que o CRN foi realizado por mais dois anos, sob a coordenação do Ferraz, tendo sido muito útil à PETROBRÁS na formação de técnicos de alto nível, entre os quais se destacaram profissionais que chegariam, no futuro, à Presidência e à Diretoria da empresa!

Por tudo isso, considero que a criação do Curso de Refinação do Nordeste foi um episódio de destaque no processo de evolução tecnológica da PETROBRÁS

[1] - Dorodame Moura Leitão, Discurso de Paraninfo da Turma CRN-63 - Salvador - Bahia - 5 de outubro de 1963.